

## WORKSHOPS DE INVESTIGAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR <sup>1</sup>

### *REFELXÃO EPISTEMOLÓGICA EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA*

Ana Isabel Serra Rocha <sup>2</sup>

*Universidade de Lisboa*

#### RESUMEN

Este texto presenta parte del camino del Doctorado en Educación Artística que comenzó en 2016 en la Universidad de Lisboa, donde, inspirado en el tema de la tesis *La experiencia y el lugar del libro en la Universidad*, el autor realiza micro exposiciones en el Biblioteca y talleres de investigación en el Instituto de Educación de la Universidad respectiva. Los talleres de investigación se presentan en eventos científicos, desarrollados a partir de una pregunta de investigación, utilizando herramientas artísticas como elementos de mediación e interconexión (*Arts Based Research*), promoviendo una dinámica participativa de todos los participantes e investigadores. Está dirigido a grupos heterogéneos (investigadores, supervisores, maestros, estudiantes y otros elementos de la comunidad educativa), y busca investigar los procesos de construcción del conocimiento a través de la experiencia práctica de manipulación y creación de un libro de objetos. Estos objetos de investigación se muestran en galerías u otros lugares, dando a conocer los resultados de la investigación. En una segunda parte, se presentan tres territorios que buscan comprender el papel solitario del investigador y sus lugares habitables; *Research Island* (1966), *Wisdom* (1922) and *Creativity* (2019), discutiendo la posibilidad de criar una *Isla de Educación Artística* (2020).

**PALABRAS CLAVE:** Educación superior, educación artística, talleres de investigación.

---

<sup>1</sup> Artículo recibido el 21 de abril de 2020 y aprobado el 29 de mayo de 2020.

<sup>2</sup> Universidade de Lisboa-Instituto de Educação e Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Email: anaserrarochoa@gmail.com

## RESUMO

Este texto apresenta parte do percurso do Doutoramento em Educação Artística iniciado em 2016 na Universidade de Lisboa, onde, inspirada pelo tema da tese *A Experiência e o Lugar do Livro na Universidade*, a autora realiza micro exposições na Biblioteca e workshops de investigação no Instituto de Educação da respetiva Universidade.

Os workshops de investigação são apresentados em eventos científicos, desenvolvidos a partir de uma pergunta de investigação, utilizando ferramentas artísticas como elementos de mediação e interconexão (*Arts Based Research*), promovendo uma dinâmica participativa de todos os participantes e investigadora. Destina-se a grupos heterogéneos (investigadores, supervisores, professores, alunos e outros elementos da comunidade educativa), e procuram investigar sobre os processos de construção do conhecimento através da experiência prática de manipulação e criação de um objeto – livro. Estes objetos de investigação são expostos em galerias ou outros locais dando a conhecer o resultado da investigação.

Numa segunda parte são apresentados três territórios que procuram entender o papel solitário do investigador, e os seus lugares habitáveis; Ilha da Pesquisa (1966), Sabedoria (1922) e Criatividade (2019), divagando sobre a possibilidade da construção de uma Ilha de Educação Artística (2020).

**PALAVRAS CHAVE:** Ensino superior, educação artística, workshops de investigação

## ABSTRACT

This text presents part of the path of the PhD in Art Education started in 2016 at the University of Lisbon, where, inspired by the theme of the thesis *The Experience and the Place of the Book at the University*, the author holds micro exhibitions at the Library and research workshops at the Instituto de Education of the respective University. The research workshops are presented in scientific events, developed from a research question, using artistic tools as elements of mediation and interconnection (*Arts Based Research*), promoting a participatory dynamic of all participants and researcher. It is aimed at heterogeneous groups (researchers, supervisors, teachers, students and other elements of the educational community), and seeks to investigate the processes of knowledge construction through the practical experience of manipulation and creation

of an object - book. These research objects are displayed in galleries or other places, making the results of the research known. In a second part, three territories are presented that seek to understand the researcher's solitary role, and its habitable places; *Research Island* (1966), *Wisdom* (1922) and *Creativity* (2019), discussing the possibility of building an *Artistic Education Island* (2020).

**KEYWORDS:** Higher education, artistic education, research workshops.

SUMARIO: O LUGAR DO INVESTIGADOR. I. WORKSHOP DE INVESTIGAÇÃO MICRO II. EXPOSIÇÕES NA BIBLIOTECA III. ILHAS. CONCLUSÕES

\* \* \*

*Nadava no ar, com as pétalas molhadas.*

*Junto aos peixes respirava o céu azul.*

*Brilhava um duplo arco-íris quando aterrei.*

*Senti-me segura.*

*Ana Serra Rocha*

## O LUGAR DO INVESTIGADOR

No ensino universitário, a perspectiva de uma pedagogia cooperada, abrangente que construa redes de comunicação, de partilha e reflexão, estão fundamentadas nas convicções de Sérgio Niza (2012) ao vivificarem os percursos de aprendizagem experiencial em comunidade. No Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, deparei-me logo com esta situação de escolarização, logo desde o início do Doutoramento em 2016. No entanto foram-se criando grupos de trabalho, e sessões dinamizadas por estudantes que deram início a resultados participativos e experimentais. Como poderia o investigador investigar sem uma componente prática de construção? Sem uma construção e um pensamento artístico? De que forma se encontram as artes e a educação num processo de investigação?

O pensamento está na ponta dos dedos e os dedos só efetuavam a escrita e seguiam a leitura na folha de papel. Continuava desagradada com o diálogo exclusivo da escrita/leitura, a escrita e a leitura dançam, trocando de pares, despoletando um dinamismo que não me satisfaz. Desejava algo mais comunicante, expansivo, inquietante.

Durante o segundo ano, o projeto tese foi-se redefinindo e estreitando os conceitos até então explorados e depurando aferindo os objetivos, tornando a Tese um lugar habitável. Conceito que dedico a Helena Almeida (1934, Lisboa – 2018, Sintra), artista plástica que desenvolveu nos anos 70 uma série de desenhos habitados.

“Tentar abrir um espaço, sair o que custe e o que custar, é um sentimento muito forte nos meus trabalhos. Passou a ser uma questão de condenação e de sobrevivência. Sinto-me quase sempre no limiar onde estes dois espaços se encontram, esperam, hesitam e vibram. É uma tentação aí ficar e assistir ao meu próprio processo, vivendo um sonho com duas direções. Mas isso é intolerável e com urgência, qualquer coisa se liberta em mim como se quisesse sair para a frente de mim própria.

De toda a maneira já consegui sair pela ponta dos meus dedos.” (Helena Almeida, Julho de 1978, pp. 44)

Coloquei em questão o meu lugar como investigadora, onde me deveria posicionar? Que dinâmica deveria imprimir? Como seria? Tudo me parecia estático, passivo e pouco envolvente. As salas, as mesas, as cadeiras, os corpos fixados a um espaço fechado. O lago lá fora, as salas com formatos irregulares. Esses espaços sim, traziam inspiração e dinamismo. Foi quando introduzi os workshops de investigação em apresentações de Congressos, Encontros, seminários e aulas, que têm como objetivo construir conhecimento coletivamente através de uma experiência prática conjunta.

Estes lugar de investigação enquadra-se no conceito de evento pedagógico de Dennis Atkinson, pretendendo contribuir para uma pesquisa epistemológica em educação artística. “Essa interseção onde a arte e a educação pensam posicionamentos alternativos para suas práticas e teorias, também é importante considerar o entendimento de (Atkinson, 2011, 2012) que o evento artístico é pedagógico, uma vez que se hibridiza, contamina e onde se funde a arte com a educação, como em um encontro de águas” (Fernandez, 2015, pp.937).

Espaço isolado, habitado e nutrido por conceitos de descoberta e surpresa, baseado numa imprevisibilidade e subjetividade, que atraem e mapeiam diferentes relações e conexões, num estado de vigília ativa e crítica. “A partir dessas relações com o conhecimento que nos situamos criando eventos que permitem as rupturas com as situações correntes e que nos levam a estabelecer novas conexões com novos questionamentos e novas abordagens para velhos problemas artísticos e pedagógicos”(Sasso & Dias, 2015, pp.937).

“Doctor research is understood both as a set of activities or practices (as doing) and as a contribution to knowledge, usually in the form of the completed thesis (as a thing). (...) The idea that knowledge should be original or new itself once a fairly novel idea, according to our understanding of the history of the university. (...) To produce original research, the doctoral researcher needs certain qualities or characteristics like curiosity and creativity, and an appreciation for discovery” (Taylor S. & Kiley S. 2018, pp. 13-15).

*“Não está registado em nenhum mapa.*

*Os lugares verdadeiros nunca estão”*

*Herman Melville*

## **I. WORKSHOP DE INVESTIGAÇÃO**

Os workshops de investigação, estão sustentados em práticas inspiradas no conceito de evento pedagógico, onde os participantes são convidados a serem descobridores e investigadores, questionando-se de que forma o processo de construção, criação e manuseio do objeto livro poderá contribuir para uma cartografia de investigação. As dinâmicas desenvolvidas propõem uma abordagem multissensorial no incentivo da realização de uma descoberta a partir de uma pergunta de investigação. Entende-se aqui o significado de “uma experiência excitante é uma que nos sacode repentinamente do estado de equilíbrio das nossas experiências quotidianas, para algo de novo, desorientador e eufórico” (Ellard, 2015, pg.97)

A humanização da investigação sinaliza uma metodologia que assinala os princípios de Atkinson (2015) com *learning event/process* através de uma abordagem

multissensorial no incentivo à descoberta, despertando para uma leitura emocional e sentimental, representada por esta proximidade, onde a relação é estabelecida inicialmente com a capacidade de espanto (ao desconhecido), de admiração destes com o lugar, no sentido em que Dewey apresenta que o conhecimento pode derivar também da experiência.

A metodologia do workshop de investigação acontece inspirada na a/r/tografia, que tem muitas e profundas relações com a pesquisa-ação, pois tem um carácter intervencionista que percebe como uma prática viva (...) torna-se locais de investigação (Irwin, 2013), no sentido em que apresenta uma abordagem dinâmica à pesquisa, perspectiva crítica desenvolvimento de conhecimento transdisciplinar, e incentiva novas maneiras de se pensar (Dias, 2009).

Ciando a denominação de *Making-of-graphy* definindo um método dinâmica, interativo e participativo de um grupo heterogéneo universitário, que a partir de um tema e ou pergunta de investigação, desenvolve uma ação baseada numa expressão artística. Implica a realização (antes, durante e depois) de um objeto de investigação (objeto – livro), que apresenta e reflete as questões debatidas na sessão, servindo como documentação de investigação, e é partilhada posteriormente com participantes. Estes objetos e documentos de investigação são expostos ao público em exposições organizadas pelo investigador.

Esta experiência de manuseio, criação e manufatura a partir do papel como um processo para refletir epistemologicamente e mediar a construção de conhecimento sobre o que é investigar, possibilitando a expressão de cada um no grupo, usando a sua própria liberdade incorporando a sua coleção mental e emocional de artefactos. Os produtos individuais dessa manipulação do papel, pelos participantes, são recolhidos e montados em forma de livro, constituindo um dos elementos resultantes da sessão (a par de todo o registo do processo, em notas de campo elaboradas pela investigadora proponente do workshop). Estes resultados são recolhidos e montados em forma de livro ou durante o workshop ou após. O investigador cria e compõe a documentação produzida, que é enviada em suporte digital para os participantes afim de se pronunciarem. No final é construído objetos livros de investigação e é construída uma narrativa ou ensaio visual como documento do workshop. Alguns destes livros de

investigação são expostos em espaços culturais e académicos. E mais recentemente inaugurei uma exposição na Biblioteca do Instituto de Educação.

Neste texto apresento um workshop num Encontro de Educação Artística (EPRAE), duas sessões em modelo de comunicação paralela em ATELIER no Congresso da AFIRSE em 2019 e 2020, e o workshop de investigação numa sessão no Mestrado e Formação do Instituto de Educação em 2019.



Figura 1: Workshops de Investigação

Os workshops de investigação baseados em artes em contexto universitário, relacionam-se com a construção da aprendizagem e do conhecimento partilhado durante a sessão no grupo de participantes e o investigador. Procuram respostas e continuação de perguntas a temas de como o pensamento académico pode aprender com a comunidade, se o manuseio e a reflexão dessa experiência de que forma pode ser conhecimento.



A criação dos objetos de investigação (resultantes dos workshops de investigação), cujas experiências são registadas como formas de conhecimento, construindo uma cartografia rizomática de narrativas no campo da educação artística. O processo construtivo de um objecto materializa a reflexão, que resulta depois na combinação de um objeto-livro por parte do investigador.

A experiência do lugar do objeto como elemento de mediação educativa e na sua relação epistemológica tem vindo a ser objeto de estudo inspirado pelos objetos tangíveis protagonizados pela artista Lygia Clark (1920-Belo horizonte – 1988-Rio de Janeiro) com objetos manuseáveis criados por si ou que recolhia da natureza, intitulados pela autora de objetos sensoriais, estabelecendo um diálogo de proximidade entre o fruidor e o objeto, designação atribuída como objetos relacionais.

Neste sentido o artista propõe um evento criativo para que o mesmo seja vivido pelo outro. A criação de objetos de aprendizagem como recurso pedagógico ou relacional é característico das obras da autora, que convocam o receptor.

Os workshops de investigação desenvolvem-se num diálogo igualitário, onde todos participam na narrativa e construção de experiência, assemelhando-se a um modelo de tertúlia, reconhecendo os princípios supracitados pretendendo refletir sobre o tempo e os espaços educativos formais e não formais, repensando o modelo escolar como espaço de aprendizagem social, e solidário. A sua estrutura evidencia os 7 princípios promotores de aprendizagem diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, criação de sentido, solidariedade, dimensão instrumental, igualdade de diferença. (Comunidade de Aprendizagem, pp. 25- 35). As sessões contemplam acções de tertúlias dialógicas, enfatizando a intersubjetividade, baseadas numa construção de sentido coletivo, convidando à participação de todos os intervenientes sobre o que se está a tratar, num diálogo de escuta ativa e na aprendizagem dialógica (Aubert, Flecha, Garcia, Flecha & Racionero, 2008). O vínculo afetivo estabelecido possibilita que a imprevisibilidade seja um elemento de confiança e criatividade no desenvolvimento da investigação, permitindo que exista uma intimidade e subjetividade entre os participantes.

A descentralização do ensino/aprendizagem para espaços de intercâmbio e de cooperação, como lugares humanizados baseados na igualdade de diferença e de direitos, ancorados em processos participativos, e transversais, através da linguagem,



expressão física e habilidades manuais, podem contribuir para que novas propostas de criação de sentido, utilizando ferramentas de mediação práticas (construção, manipulação do futuro objeto livro), que possibilitem a coexistência, e tenham impacto na formação e no processo transformativo de aprendizagem, contribuindo para a investigação.

## LAP\_MAP\_2018\_ Evento Científico - EPRAE\_UL\_IE

**Pergunta:** Qual o lugar da experiência do livro na cartografia da investigação?



Figura 2: Lap\_Map

No Encontro EPRAE que ocorreu entre os dias 26 e 28 de abril de 2018 na Universidade de Lisboa, a temática apresentada partiu da reflexão de como a arte e educação artística se podem interligar. Uma exposição em três vitrines com material relacionado com o tema do evento no átrio do Instituto de Investigação, e a realização de um livro que foi colocado nas pastas dos participantes, acompanhavam a então da comunicação-prática apresentada.

Estes livros de formato A6 foram todos manufaturados diferentemente uns dos outros. O desdobramento do objeto livro implica a planificação da forma tridimensional num único plano. O livro é aberto e planifica todas as suas dimensões, desmontável, reversível, susceptível de receber constantes modificações (Deleuze, 2004). A folha transforma-se em múltiplos planos, com entradas e saídas, recortes e dobras, numa sobreposição construtiva de superfícies que se intersectam e manifestam numa lógica individual aguardando as anotações específicas na obra. Neste livro mapa, intitulado de *Lap\_Map*, inspirado num plano dobrado que se coloca sobre o colo que se desmultiplica, as dobras são reversíveis e o manipulador continua o vinco (vínculo) no olhar. O mapeamento cartográfico da experiência do livro em tempo real pretende materializar as memórias e as associações em rede que são estabelecidas através de imagens visuais e escritas, numa peça totalizante entre todos os mapas-livros como lugares da representação da experiência, onde nele se imprime o conteúdo que permite a entrada no outro mundo (Deleuze, 2004). Alertando para as narrativas visuais que *Fernando Hernandez* nos apresenta como experiências cartográficas apelativas à estratégia de explorar experiências geradoras de conhecimento, resultantes de uma construção coletiva na pesquisa de conhecimento.

Os participantes foram convidados a intervir no objeto-livro durante a apresentação da escrita, desenho, dobragem, recorte, onde destaco a manipulação através da dobra e da construção volumétrica, que resultou em barco, conjunto de peças esféricas e outras com recortes arredondados. Praticamente todas as situações onde existiu a representação visual, tiveram em conta a apresentação do tema de investigação. Foram realizados cerca de quinze livros num total de cerca de vinte participantes e estiveram expostos nas vitrines da exposição.

As mensagens neles contidas aludem à “experiência física das coisas” através do corte, do rasgo, da dobra e da escrita, foi reportada uma fragilidade na construção da peça em termos de estética de design, por uma das faces da folha ser mais forte graficamente que o outro. Os participantes reportaram ainda a importância do recorte vazio através da ausência de papel, aludiam à criatividade da originalidade de cada *Lap\_Map*. Houve um livro que informa “pode ser confuso, mas é divertido”, reconhece que a “investigação pode ser esta exploração participativa”, e que questiona “o que se esconde por debaixo.... o que se esquece com o que se põe por cima”.

## HAND\_BOOK\_2019\_ Mestrado em Educação e Formação - UL\_IE

**Pergunta:** Que memórias acontecem neste momento, quando pego numa folha de papel reciclado?

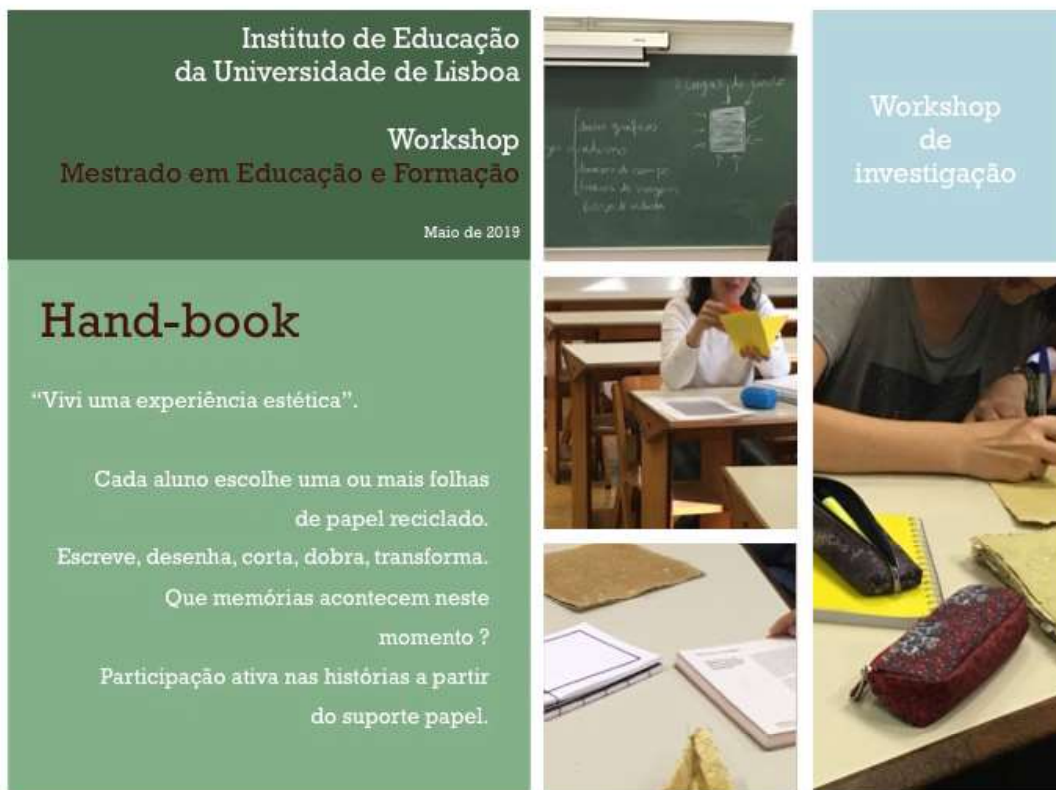


Figura 3: Hand-Book

Neste workshop pretendi que a partir de um conjunto de folhas de papel reciclado manufaturada em formato A4 com produtos naturais, os estudantes escolhessem umas folhas, e nelas interviessem, que explorassem a demora da sensibilidade verso a memória e o cheiro daquela superfície. Este *Hand-book* criado pelos estudantes pretende explorar a pergunta inicial: Que memórias acontecem neste momento, quando pego numa folha de papel reciclado?

Apresentei-me a um grupo de alunos animados, conversadores, atentos e com um único elemento masculino. Tinham sobre a mesa os seus diários gráficos da disciplina de Mestrado. Parecia já um grupo fértil e frenético. Mas o que iria eu fazer?

Como poderia anunciar uma partilha de significados? Estava triste. Tinha uma tristeza em mim que me inundava. Mas ali, naquele lugar a vontade da partilha, da escuta era muita. Assim iniciou-se a partir do objeto livro. Os seus diários de bordo sobre as mãos, (previamente realizados com as professoras, e solicitados para o workshop). Estiveram na exploração livre dos seus objetos-livros. Expressavam verbalmente o seu significado, e rodavam, abriam, contendo escrita, grafia, diálogos emocionais. A experiência da manipulação do livro em caderno é um espaço de diálogo do eu com o objeto, do eu com o outro, numa procura e experimentação que ecoa em si ou fora de si. Todos apresentaram o seu 'objeto de estimação'.

Esta (des)construção do objeto de conhecimento, funciona como uma espécie de bricolage intelectual, e deve voltar-se para um conjunto já construído e retrospectivo. (Strauss, 1989. pp. 32). Este objeto constrói-se através do processo de investigação e ele em si mesmo é o processo de investigação. Objeto de leitura para uma escrita inexistente, tangível, portátil, de pequenas dimensões, familiares ao corpo da mão. A mão utilizadora de telemóvel. A mão livro, o livro: *Hand-book*.

Esta necessidade da construção do livro (que eventualmente pode ser catalogado como livro de artista) é acima de tudo um elemento de reflexão e expressão metodológica, centrada em experiência e tópicos temáticos “em que o autor o produziu sem o tomar como um objeto em si mesmo, auto referente” (Queiroz 2012, pp. 263).

Assim, após o objeto nasce a escrita lida, e a manipulação do suporte traz o enredo. Ao desdobrar as construções realizadas, é-nos apresentado um módulo criativo e individual representante de uma história. Utilizando o rasgo, a dobra, a colagem e a composição da linha sobre a folha. Uma introspecção serena, onde na dobra, reserva-se o segredo, o que está para vir. O devir. A dobra fecha e opaca o espaço da sombra desta. Ao des-do-brar, acontece um movimento de subtilidade, expectativa e curiosidade que reservam o manuseador ao seu entendimento dialógico direto com o objeto que se reconstrói. “A metáfora da prega significa justamente esta plenitude: (...) em que todas as coisa são dobradas para ocuparem menos espaço possível; tal é o mundo contemporâneo”(Perniola, 1994, pp.21).

Caíram as lágrimas, lançaram-se narrativas de infância, e odores que nos levaram a viajar por estados familiares. Esta foi a partilha de um grupo onde cada um partilha a intimidade do momento e revela a sua experiência, como disse uma das

alunas: “obrigada, hoje vivi uma experiência estética. Já me tinham falado, mas nunca tinha experienciado. Que bom que é.”

## A\_ROUND\_2019\_Evento Científico- AFIRSE\_UL\_IE

**Pergunta:** Eu pergunto a pergunta, ou a pergunta pergunta-me?

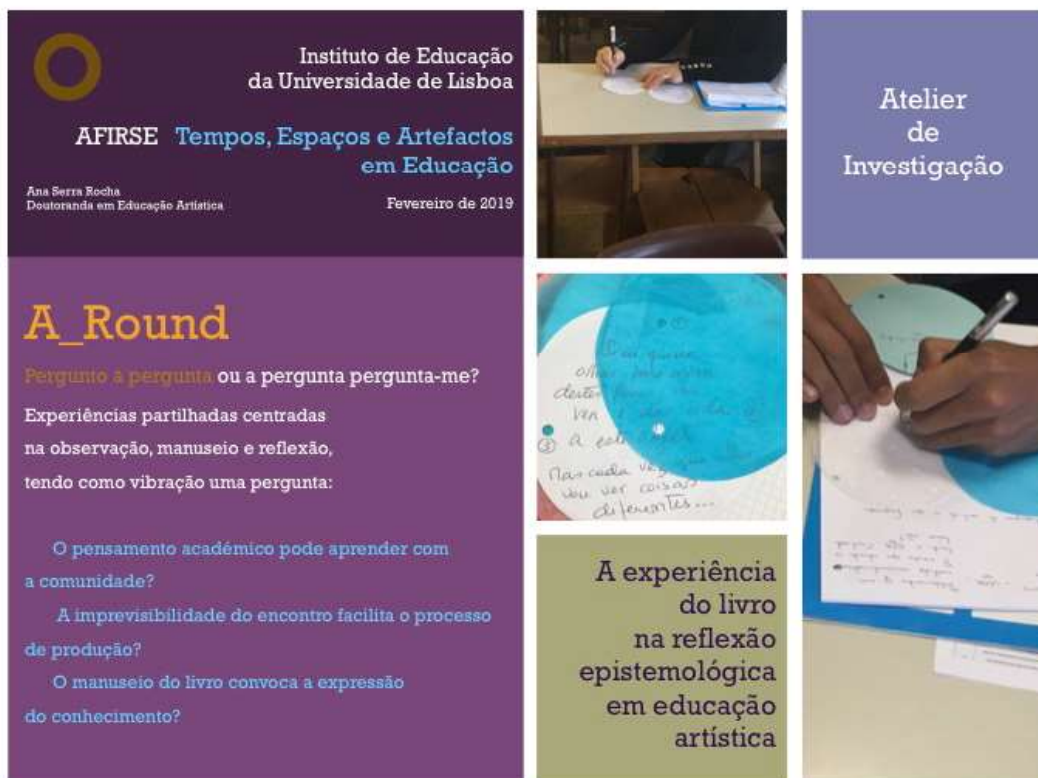


Figura 4: A\_Round

Tempo, Espaços e Artefactos em Educação, foi o tema do colóquio AFIRSE (2019) onde inserido no Eixo: outros tempos e outros espaços educativos, foi apresentada uma sequência espontânea de comunicações referentes ao grupo dos quatro participantes na sessão. A observação e construção dos elementos de apresentação ao longo do Colóquio e durante a própria sessão foram tidos em consideração para a exploração do tema. Neste sentido, e ao longo das apresentações do dia anterior, uma das participantes refere: entre lugares. Espaço e percurso procurado no âmbito da pesquisa de doutoramento em curso, mais que o lugar ou o não lugar referenciado por Marc Augé (2016), este espaço entre lugares, representado como as linhas de tempo que unem os pontos dos grafos.

Na sessão em questão estiveram cinco investigadores cujo trabalho se interliga num espaço de experimentação ou de laboratório, onde a minha participação teve lugar



na sugestão da construção de um livro *A\_Round*, que irá servir para reflexão de investigação sobre *o lugar da experiência do livro na mediação educativa e na reflexão epistemológica*.

Entrelaçando assim as cinco apresentações que decorreram, iniciou-se com uma questão sobre os manuais escolares e sua desadequação face às indicações do perfil do aluno no século XXI, seguida de outra pesquisa, ação sobre a mudança de estruturação curricular numa escola de ensino profissional, onde para cativar os alunos inverte a abordagem pedagógica iniciada na teoria, e lança o desafio de uma abordagem experimental e prática, através de objetos tangíveis. O tema Livro como diário gráfico de pesquisa ao longo do trabalho de doutoramento é descrito na abordagem do palestrante seguinte como elemento fundamental para acompanhar uma investigação. Vislumbra-se a aproximação ao trabalho da *a/r/tography* (Irwin, 2007) onde o suporte das imagens visuais se evidencia em detrimento da mensagem escrita, como proposta de trabalho prático e visual, metodologia na qual este processo se enquadra. As apresentações terminam com o tema do livro didático de Ciências da Natureza, através do relato de uma experiência num grupo desfavorecido.

A opção escolhida pelo grupo foi de deixar para o final da sessão a apresentação de *A\_Round*, no sentido de poder fluir a componente prática para “ter tempo para pensar”. No momento da construção da reflexão, onde a investigadora foi tomando as suas notas de observação e fotografias, foi a escrita individual a que teve maior expressão, utilizando mais que um dos suportes disponíveis de papel (redondo), manuseando a folha em rotação de acordo com a informação que pretendiam colocar.

No final das apresentações foram distribuídas aos participantes algumas páginas do futuro livro *A\_Round*, redondas perfuradas, em diferentes suportes de papel e relançadas as questões previamente apresentadas:

- O pensamento académico pode aprender com a comunidade?
- A imprevisibilidade do encontro facilita o processo de produção?
- O manuseio do objeto convoca a expressão do conhecimento?

Esta descoberta da escrita apresenta: “o objeto existe porque o reconheço”, “manusear é dar vida ao objeto (ao conhecimento)” ou “pensar com as mãos”. Todas as páginas foram escritas com “singularidades” e “conexões”, “considerando que Eu afeto

o pensamento acadêmico, e que pode e deve ser apreendido e praticado em comunidade”. Foi ainda referido que a “improvisação privilegia o processo de produção” e “a imprevisibilidade do encontro facilita sempre o processo de questionamento” Refletir sobre a imprevisibilidade da investigação pode ser altamente assustador, quando trazida para dentro do conhecimento (Guatarri, 2004), aproveitando o pensamento divergente e convergente, apelando à produção de conceitos e outras formas que podem servir as pesquisas e relacionar a teoria em diferentes narrativas.

Na semana seguinte foi enviado aos participantes a fotografia 4 resultante da sessão.

### A\_SQUARE\_2020\_Evento Científico- AFIRSE\_UL\_IE

**Pergunta:** Qual a contingência do livro na relação e na mediação lúdica, terapêutica e de bem-estar?

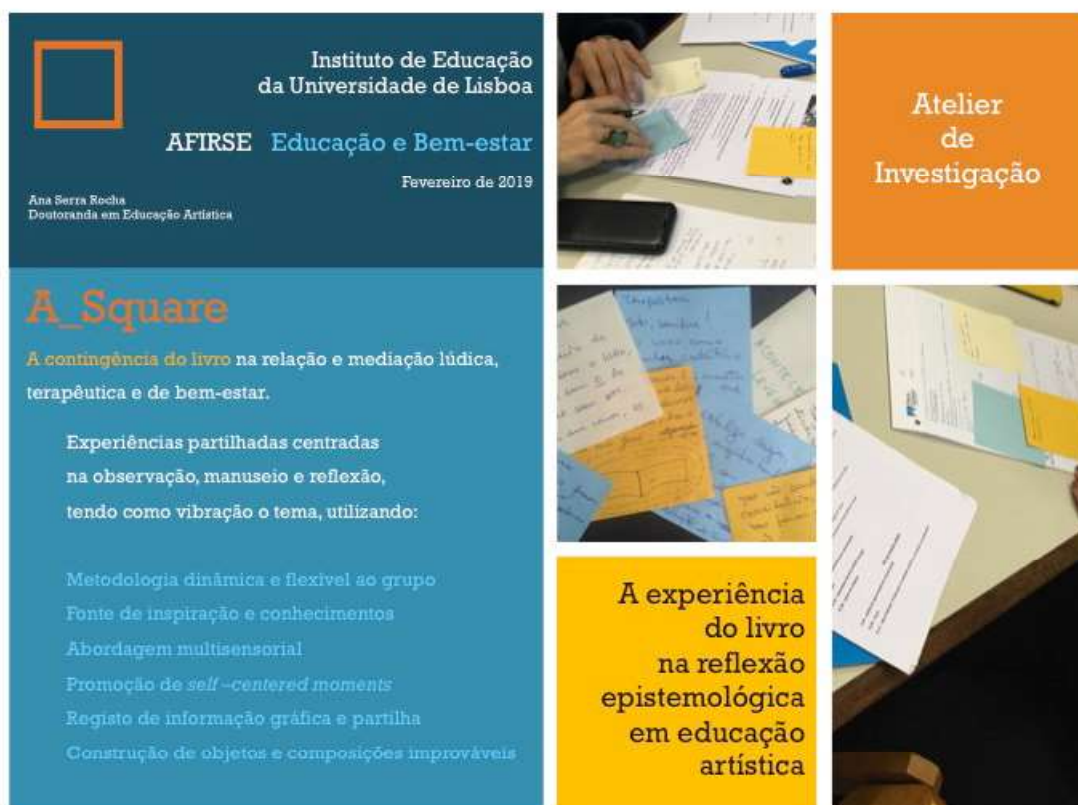


Figura 5: A\_Square



Educação e Bem Estar, foi o tema do colóquio AFIRSE (2020) onde no modelo de apresentação Atelier partilhei a reflexão: A contingência do livro na relação e mediação lúdica, terapêutica e de bem-estar, relacionado com o Eixo Diversidade, inclusão e participação – objetos participativos.

O livro tem vindo a ser transversalmente conotado em diversas categorias: aprendizagem, pedagógica, lúdico, sensorial, técnico, improvável, entre outros. Centrando a apresentação na contingência do objeto tangível livro, pretendendo deambular por uma vertente terapêutica e lúdica de como os livros podem ser elementos promotores de uma saúde integral.

Ao refletir sobre a temática do evento questiono: Que relação se estabelece entre uma pessoa/criança e um objeto de estimação? Como se desenvolve uma experiência satisfatória e prazerosa? De que forma nos envolvemos com os objetos ao ponto de os colecionar? Que objetos necessitamos para o nosso bem-estar numa sociedade de consumo imediato? Quais os objetos do investigador? O que acontece quando o objeto e o sujeito deixam de ter uma relação dialógica?

Neste sentido, estarão os workshops de investigação a responder à premissa da investigação? Podem ser entendidos como experiência de bem-estar, fomentando uma área de atuação privilegiando a criatividade, a reflexão e a crítica?

Após a apresentação genérica em *power point*, os participantes são desafiados a refletir sobre a sessão. Assim, foi passado aos participantes uma série de três papéis quadrangulares coloridos cada cor para uma das áreas que apresentei:

- Azul, para a dimensão terapêutica
- Beije, para a dimensão de bem-estar
- Amarelo torrado, para a dimensão lúdica

Os participantes foram convidados a escolher uma das áreas para registarem (escrita, grafia, desenhos e ou outra), no entanto, verificou-se que na maioria não utilizaram somente uma dimensão, mas sim todas. Esta reflexão foi realizada no final da sessão no tempo para partilha, o que ampliou ainda mais o leque de reflexões realizadas pelos (seis participantes com cinco apresentações) das treze reflexões apresentadas. Descanso, valores, visão de sentido único, e laicização são alguns dos conceitos que surgiram. Houve troca e leitura que levaram o grupo à primeira apresentação sobre o

tema de práticas de meditação em contexto escolar. Os papéis foram sendo retirados da tampa de cartão onde estavam colocados alinhadamente. Escreveu-se conversou-se e desfrutaram do momento com interesse e dedicação.

O Livro construiu-se ao longo da reflexão como um fio condutor, e um dos participantes evidencia que “a Tese é um livro que demonstra uma linha condutora que parte de um domínio”. A representação do livro como uma ilha está descrita na área lúdica, como elemento mediador entre a leitura académica e outra leitura lúdica, “ajudaram-me a me relacionar melhor, sem peso, com o livro de um modo em geral”, outro elemento elenca “priorizo o bem-estar vertente terapêutica de algo que não sendo coincidência, nos vem parar às mãos...” O livro é descrito como elemento mediador e de auto-conhecimento/questionamento. “Potencia a saúde da existência humana. Nos humaniza”. Lugar de bem-estar “Sinto-me bem. Em paz. (...) Não os levarei quando partir, mas deitar-me –ei com eles na última noite.

*Bibliotecas cheias de livros sossegados que não são lidos.*

*Ana Luísa Paz*

## II. MICRO EXPOSIÇÕES NA BIBLIOTECA



Figura 6: A biblioteca no reflexo da janela

Para dar continuidade ao tema da minha investigação - *O Lugar da experiência do livro na mediação educativa e na reflexão epistemológica* -, propus à Biblioteca do IEUL desenvolver micro exposições temáticas de intervenções pontuais de pequena escala com micro cenários nos lugares por habitar das estantes de livros da biblioteca, proposta aceite e de imediato levado a efeito em fevereiro de 2020.

As intervenções pretendem a criação de diálogos entre objetos e livros com periodicidade mensal, com seguintes os objetivos:

Sensibilizar a comunidade universitária para a participação do conhecimento de forma original e contemporânea.

Desenvolver as capacidades criativas através da realização de projetos de acordo com a investigação e as temáticas da Biblioteca, Congressos, Seminários entre outros eventos da Instituição.

Estimular a abertura da biblioteca como lugar de encontro do conhecimento.



Figura 7: Micro-exposição

A imagem sete representa parte da primeira exposição com o tema de destaque realizado pela biblioteca com leituras sugeridas na área Saúde e Bem Estar. Pretende assinalar um acolhimento subtil ao nível da intervenção no local, reforçando o imaginário do vazio das estantes nos dois espaços da Biblioteca.

Sobre a mesa do destaque dos livros temáticos, uma almofada grande azul de veludo acolhe os livros. Esperam. O azul propaga-se para a linha da frente onde no conjunto principal de estantes vazias, repousa um novelo de cor mutante. A linha desce e perfaz a zona aberta. Já na outra sala, onde se situa a zona dedicada à Psicologia, foi forrada uma estante, mais distante. Acontece no perfil da madeira uma linha de arco-íris, que quebra a zona de intervenção.

Apresento um excerto da troca de emails trocados entre 12 e 15 de fevereiro de 2020, aquando da montagem da exposição.

AR (Ana Rocha/autora):

Boa noite e bom dia Tatiana Sanches”

Estive a iniciar as micro exposições que satisfação

Fui muito bem acolhida pela equipa

Escrevi

A verdade

Emancipação

Hoje

Micro cenários expositivos

Durante semanas pensei pratiquei

Ponderei

Visitei o espaço, ouvi, senti”

Fotografei

E a dois dias de hoje”

Captei a imagem que me moveu para a continuidade.

O reflexo das estantes no varandim circular

Humidade

Água

Sentimento

Terminei hoje

Iniciei hoje

Acaricieei as almofadas

Às superfícies horizontais

Numa os livros

noutra o novelo e a outra plana vazia e distante

A tira do arco íris manifesta o posicionamento subtil do equilíbrio temático

Ninguém viu

Houve o sorriso final

Estou curiosa

Agradeço a oportunidade

A confiança

TS (Tatiana Sanches/Professora Bibliotecária e responsável pela Biblioteca do IE):

Que lindo

Bom dia e boa noite Hoje e amanhã vou sorrir também certamente

Beijinhos

Tatiana

AP (Ana Paz/ Orientadora do Doutoramento):

Gosto imenso da imensa

Esse é o meu spot favorito da biblioteca

Vislumbrei

Ana posso propor o DEA uma visita Estamos agora em aulas para a escrita do projeto

AR

---

Boa noite Ana”

Vislumbremos então

Na mezzanine a imensidão

AP

Uma varanda para o sonho um espaço possível que chega até ao impossível

Visões de uma universidade melhor, maior, mais bela e mais densa

E nesse amplo retiro o canto mais obscuro e iluminado da biblioteca

Onde um balde apara as gotas quando a chuva cai mais forte.

*O limite infinito.*

*Quando os tempos se encontram,*

*o corpo isola-se e transforma-se numa ilha habitável.*

*Ana Serra Rocha*

### III. ILHAS

Esta narrativa inicia-se aquando da descoberta da *Ilha da Pesquisa* (American Scientist, 54, 4, pp. 470), entre textos e leituras para re-descobrir o lugar do investigador no Ensino Superior. E, apaixonadamente na demanda da pesquisa de outras ilhas, encontro no Dicionário dos Lugares Imaginários de *Alberto Manguel e Gianni Guadalupi* (2019), a *Ilha da Sabedoria*, e na década de 90 a *Ilha da Criatividade* criada por *Perry Nightingale*. Todas elas apresentam um percurso com nomenclaturas de zonas terrestres e de mar, encontram-se com zonas de experiências e metáforas de espaços a conquistar entre isolamentos, com um mar imenso à volta, lugares de excelência para uma viagem metafórica à procura da Ilha da Educação Artística.

A cartografia das ilhas imaginárias, possibilita uma experiência alicerçada na fantasia de uma conquista ficcional que desvendará a invenção de histórias de territórios



inexistentes, suficientemente distantes para não serem alcançados. Desejo poder viajar nestes territórios designados ao designio da vida.

## Ilha da Pesquisa

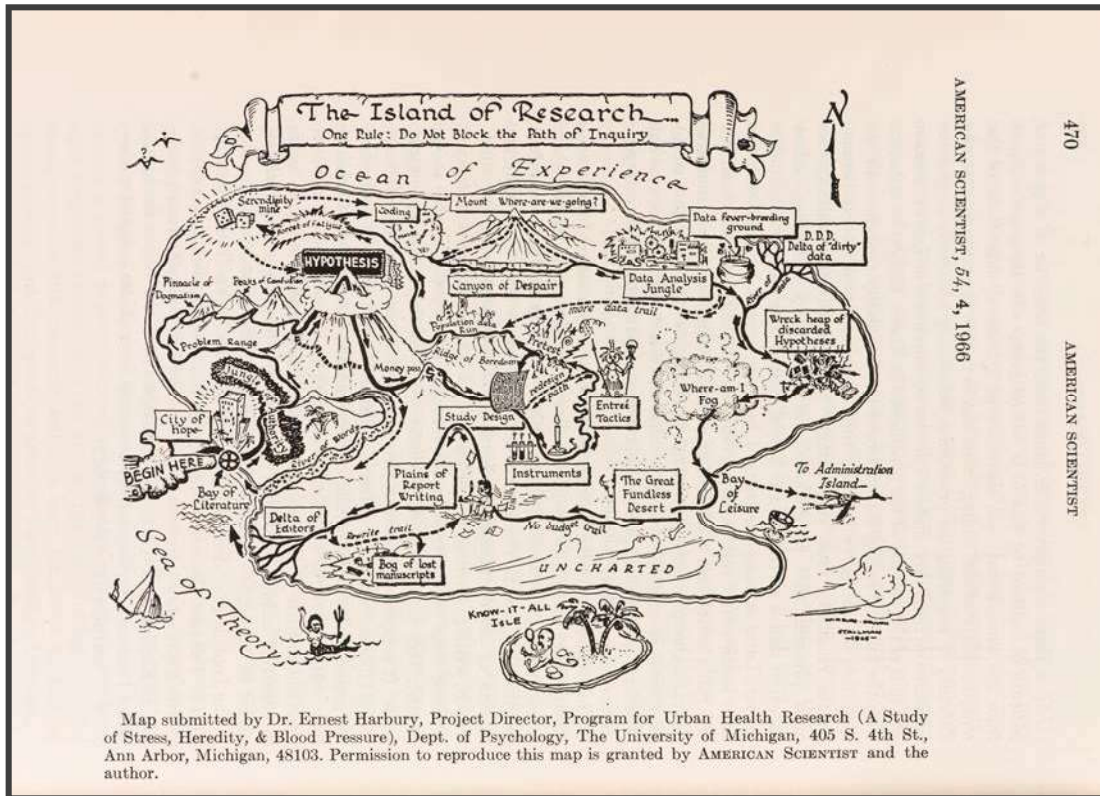


Figura 8: Ilha da Pesquisa (American Scientist, 54, 4 pp. 470)

Inicialmente publicada na American Scientist em 1966, pelo Prof. Ernest Harburg of the University of Michigan nos Estados Unidos, a ilustração tem a autoria de William Brudon, embora depois esteja representada no livro *The Science Game* by Neil Mck. Agnew and Sandra W. Pyke published by Prentice-Hall in 1978 (<http://barbourians.org/2011/04/27/the-island-of-research/>).

A ilha da Pesquisa está rodeada do oceano da experiência, mar da teoria onde está a ilha do Sabe-Tudo. É sugerido o início na cidade da Esperança, onde são oferecidos diversos percursos exploratórios pela ilha, terminando no delta da Edição (Tese), saindo pela baía da literatura, que apresenta a seguinte sequência:

*(Sea of Theory) Bay of Literature → City of Hope → Jungle of Authority → Problem Range → Pinnacle of Dogmatism → Peaks of Confusion → HYPOTHESIS → Money Pass [→ River of Words] → Study Design → Instruments → Entreé Tactics [→ redesign path] → Pretest → Ridge of Boredom → Population data Run → Forrest of*



*Fatigue [→ Serendipity mine] → (Ocean of Experience) Coding [→ Mount Where-are-we-going?] → Canyon of Despair → Data Analysis Jungle [→ more data trail] → Data fever-breeding ground → River of Data → D.D.D. Delta of 'dirty' data] → Wreck heap of discarded Hypotheses [→ Where-am-I Fog [→ Bay of Leisure → To Administration Island] → (Uncharted) The Great Fundless Desert → Nobudget Trail → Plains of Report Writing [→ Rewrite Trail → Bog of lost manuscripts] → Delta of Editors → Bay of Literature (do livro Handbook for doctoral supervisors, stan Taylor and Margeret Killey)*

### Ilhas da Sabedoria



Figura 9: Ilha da Sabedoria

Descrita como um arquipélago de cerca de 300 ou 400 ilhas a norte e nordeste do Estreito de Tuscaroro no Pacífico Norte, está designada no Dicionário dos Lugares Imaginários (2019) com a autoria de *Alexander Moszkowski, der Weisheit: Geschichte einer abenteuerlichen Entdeckungsfahrt*. A sua área total é inferior a 1500 quilómetros quadrados. Distinguem-se em pequenas dimensões. Foram visitadas pela primeira vez por uma expedição americana no início da década de 1920. O povo das ilhas enviou cidadãos disfarçados para estudar, e desta forma levaram-se para o arquipélago grandes

quantidades de livros. As ilhas apresentam diversas civilizações, as principais são: *Vorela*, *Kradak* e *Baleuta* (descritas na obra), e é um povo esteja unido por um único idioma e moeda. Descrevendo algumas das ilhas; *Dubiexo* habitam sépticos, com dúvidas sobre a existência, questionamento sobre os ensinamentos; *Tivaleva* baseia-se na teoria da relatividade, “estão a realizar experiências de inversão do tempo utilizando carrosséis que giram muito rapidamente”; *Obalsa* é governada pela filosofia do “como se”, atribuindo-lhe o modelo de uma república com arte e literatura; *Delix* devida à sua localização aposta nos prazeres naturais em oposição ao que acontece em *Atroda*, com um luxo e luxúria desmedidos; *Alladini* está com habitantes pacifistas de esquerda e os mais pragmáticos vivem em O-Blaha (Manguel & Guadalupi, 2019, pp., 779-783).

*Norton Juster* (1962) descreve ainda que para aceder ao Reino da Sabedoria (País do zero) é necessário passar uma portagem e os viajantes recebem um *kit* com mapa, moedas e livro de normas. Houve um jovem príncipe que atravessou o Mar do Conhecimento em busca do futuro e reivindicou o País do Zero em nome da vontade e da verdade (Manguel & Guadalupi, 2019, pp., 783,784).

### Ilha da Criatividade



### Figura 10: Ilha da Criatividade

A ilha da Criatividade criada e desenhada em 1922 por *Perry Nightingale* (*Executive Creative Technologist – Grey London*), tem no mapa os pontos cardeais que apontam para a zona circundante da ilha a nordeste com o mar da originalidade e no seu oposto a sudeste o oceano do impacto onde se encontra a baía dos leões com a cidade da fama. A nordeste o mar da elaboração com indicação de uma nascer do sol radioso, e no seu oposto a entrada da baía do pôr do sol com o mar dos artistas (mestria). Estas quatro áreas representam as situações quantificáveis, em opostos dialógicos de representação e realização.

Dentro da ilha o percurso é enriquecido por lugares sentimentais que nos fazem circular com poucos obstáculos, existindo uma queda de água da iluminação, que avança por um rio de inspiração, e desagua no mar. O percurso é mapeado com elementos como: Fonte da Inspiração, Beleza, Minas da Invenção, a Pedra da Simplicidade, Monumentos, Galerias e na zona central a Montanha da Grandeza.

### Ilha da Educação Artís



Figura 10: Ilha da Educação Artística

Poderemos nós desenvolver uma Ilha da Educação Artística? Baseada numa metodologia artística, cartográfica, onde se pode desenvolver uma comunidade de aprendizagem que se transforme envolvendo toda a comunidade, reconhecendo uma perspectiva dialógica e autêntica implementando e nutrindo as informações científicas?

Convido o leitor, que experienciou este texto a comentar, divagar e enunciar como poderia ser a Ilha de Educação Artística. Que valores que lhe aribui, como é a sua experiência, que deseja encontrar, quais as zonas previligiadas... Como sente e como a poderá desenhar. Segundo Taylor e Kiley (2018) é necessário que o investigador tenha uma atitude de integridade e ética académica, respeitando os cinco valores: honestidade, verdade, justiça, respeito e responsabilidade.

## CONCLUSÕES

Durante o percurso de Doutoramento os participantes nos workshops de investigação relatam a experiência como inovadora no ensino superior, agradável e que gostariam de replicar nas suas zonas de estudo ou profissionais. Caracterizam como investigação criativa, associada a uma curiosidade, mediação de temas e tópicos reflexivos, que permite e empodera a vontade de partilha e integração no grupo. A pausa existente para a comunicação se desenvolver de forma autêntica evidencia um momento de presença de todo o grupo que transcende as gerais apresentações. Revelam que a experiência tida nos workshops de investigação são momentos de educação artística e de experiência estética.

Os grupos participantes nestes eventos reconheceram a experiência como uma importante ferramenta para refletir e ser utilizada como mediadora, uma vez que o processo de construção, manipulação e acrescentaria de escuta, possibilita que o grupo expresse a relação entre si (ideias, pensamentos, desejos), e com os outros, através de uma dinâmica que é estabelecida entre eles, usando a sua própria liberdade para expressar, comunicar, incorporando sua coleção mental e emocional de artefactos, proporcionando um resultado para a aprendizagem.

A investigação baseada em artes (como a entendo), possibilita uma construção criativa, confiante no caminho desorganizando a estrutura clássica ainda presente no

ensino universitário em Educação. Os relatos são recolhidos por observação e em diálogo da escrita durante as sessões. Em cada sessão a narrativa fideliza os participantes a um sentimento de pertença e participação ativa, resultando na elaboração de um objeto tangível. O resultado final visa a proposta de produção de conhecimento teórico, gráfico e visual, mantendo uma constante reflexão e interrogação sobre o que há-de-vir, num estado de vigilância crítica e mediador, movendo o investigador para um posicionamento de inovação e implementação de novas e adequadas experimentações face ao que investiga e enfrenta.

O autor Castanho (2000) destaca que a inovação é a ação de mudar, alterar pela introdução de algo novo, consiste na aplicação de conhecimentos já existentes, introduzidos novos modos de atuar em face de práticas pedagógicas que apareçam como inadequadas ou ineficazes. A inovação é referida ao longo das sessões como elemento preponderante, que estimula as aprendizagens através do orientador com processos de intencionalidade claros, aliados á diversidade, curiosidade e empatia do evento.

Neste sentido, foi pertinente o questionamento sobre a forma de investigar e o posicionamento do investigador/ator/artista. Nunca esquecendo que é no diálogo da educação e da arte que assenta o meu trabalho. Pretendendo sempre apresentar um corpo de trabalho artístico intrincado com a produção escrita. A necessidade de ter uma componente prática, foi um elemento de referência para poder dar voz a uma vontade colaborativa e a investigação foi-se desenvolvendo, substituindo uma metodologia convencional numa apresentação num modelo estruturado e fechado nos Encontros, Conferências, Seminários Universitários, desperta para um envolvimento entusiasmante por parte dos participantes.

A opção da substituição do orador como elemento que transmite informação, por um facilitador, mediador pedagógico, reflete a visão de Vygotsky, segundo a qual a mediação, é uma propriedade cognitiva, referente à assimilação de comportamentos sociais e culturais, que provoca um diálogo onde a efetiva aprendizagem procede do coletivo para o individual. Nestes workshops de investigação pretende-se unificar os intervenientes através das suas realidades, “em que ninguém é dono da descoberta” (Ó, 2019).

O lugar do investigador no Curso de doutoramento em Educação Artística, abrange um enquadramento amplo, pelo que descubro com entusiasmo a possibilidade

de cartografar o seu território e mapeá-lo. Possa assim representar a Ilha de Educação Artística. Estes workshops de investigação possibilitam a ampliação de uma comunidade de Educação Artística? Veremos as vossas partilhas e as que se irão desenvolver no Congresso da INSEA em Julho de 2020.



---

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, H., Catálogo Helena Almeida/Dramatis Persona: *Variações e fuga sobre um corpo*. Porto: Fundação de Serralves, 1995, pp. 44.
- ATKINSON, D., *The adventure of pedagogy, learning and the not-know. Subjectivity*. 2015
- AUBERT, A., FLECHA, A., GARCIA, C., FLECHA, R., & Racionero, S *Aprendizaje dialógico en la sociedad de la informacion*. Barcelona: Hipatia, 2008.
- AUGÉ, M., *Não- Lugares. Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Lisboa, Letra Livre, 2016.
- CASTANHO, M., *O que há de novo na educação superior do projeto pedagógico à prática transformadora*. Campinas. Papyrus, 2000
- CLARCK L., *A Obra é o seu ato, dos Casulos ao Caminhando*, por Risonette Alves Pereira de Andrade, Campinas 2003 – Universidade Estadual de Campinas – Mestrado em Artes
- DELEUZE, G. & Guattari, F., *Rizoma*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004
- DIAS, B., *Uma epistemologia de fronteiras: minha tese de doutorado como um projeto a/r/tográfico*. Anais... 18. Anpap. Salvador, Bahia, 2009.
- ELLARD, C., *A Alma dos Lugares. Como a paisagem e o ambiente alteral o nosso comportamento e as nossas decisões*, Editora Contraoponto, 2015, pp. 97.
- FERNÂNDEZ, T. . *Eventos Artísticos como pedagogia cultural*. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 2015. (No Prelo), pp. 937.
- HERNANDEZ, F. & R. Fendler (Eds.), *1st Conference on arts-based and artistic research: Critical reflections on the intersection between art and research*, pp. 195-203. Barcelona: University of Barcelona - Depòsit Digital.
- IRWIN, R., *A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica*. In: BARBOSA, A. M.; AMARAL, L. (Org.) *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: SENAC, 2008. pp. 87-104.
- IRWIN, R., *A/r/tografia: uma introdução*. In: DIAS, B.; IRWIN, R. (Org.) *Pesquisa*



Educacional Baseada em Arte: a/r/tografía. Santa Maria: Edufsm, 2013.

NIZA, S., *Escritos sobre a educação*. Lisboa: Tinta da China, 2012

Ó, J., *Fazer a mão por uma escrita inventiva na universidade*. Lisboa: Ed. Saguão, 2019, pp. 362.

PERNIOLA M., *Enigmas, O momento Egípcio na sociedade e arte*. Ed Bertrand, 1994- tradução de Catia Benedetti, pp. 21.

QUEIROZ, J., *Um livro nas mãos*” Revista Estúdio, Artistas sobre outras Obras. Vol. 3 (6): 262-272, 2012, pp. 263.

SPRINGGAY, Irwin, R. L., & LEGGO, C. *Being with a/r/tography*. Sense Publications, 2007

STRAUSS, C., *Pensamento Selvagem* – Papiros Editora, Campinas SP/Brasil, 1989, pp. 32.

TAYLOR S., KILEY M., HUMPHREY R., *Handbook for doctoral supervisors*, Second edition, Routledge, New York , 2018, pp.13-1